

ORGANIZADORES:

AGNALDO APARECIDO GEREMIAS

GABRIEL RENAN NEVES BARROS

JOÃO CLEMENTE DE SOUZA NETO

LEANDRO ALVES LOPES

QUESTÕES E PRÁTICAS EDUCACIONAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA

GEPEPS

GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM PEDAGOGIA SOCIAL

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

São Paulo - SP | Brasil | Dezembro 2021

1ª Edição Epub



Universidade Presbiteriana
Mackenzie

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial, bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafos do Código Penal), com pena de prisão e multa, busca e apreensão e indenizações diversas (arts. 101 a 110 da Lei 9.610, de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

BT Acadêmica.

Rua Planta da Sorte, 68 Itaquera

São Paulo – SP – CEP: 08235-010

Q5 Questões e práticas educacionais em tempos de pandemia
/ organizadores Agnaldo Aparecido Geremias [et al.]. 1. ed. –
São Paulo : BT Acadêmica, 2021.

146 p.

Vários autores

Inclui Bibliografia

ISBN 978-65-86882-51-3

1. Educação. 2. Pandemia (aspectos sociais). 3. Práticas
educativas 4. Solidariedade. I. Geremias, Agnaldo
Aparecido. II. Barros, Gabriel Renan Neves. III. Souza Neto,
João Clemente de. IV. Lopes, Leandro Alves. V. Título.

CDD 370.71

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação
2. Pandemia (aspectos sociais)
3. Práticas educativas
4. Solidariedade

Bibliotecário responsável: Luís Carlos Pereira CRB-8/7384

Coordenação editorial: BT Acadêmica

Diagramação: Marcello Mendonça Cavalheiro

Capa: Agnaldo Aparecido Geremias

Revisão: Autores

Big Time Editora Ltda.

Rua Planta da Sorte, 68 – Itaquera – São Paulo – SP – CEP 08235-010

11-2079-3460 | (11) 96573-6476

editorial@bigtimeeditora.com.br

Site: bigtimeeditora.com.br

TRILHANDO NOVOS CAMINHOS NA EDUCAÇÃO: ESCUA, PARTILHA E NEGOCIAÇÃO NO DIÁLOGO ENTRE O CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA DA UFRGS E A ESCOLA MUNICIPAL PORTO ALEGRE (EPA)

DENISE WILDNER THEVES

DANIELA CARDOSO

ÉLIDA PASINI TONETTO

Este texto é fruto dos diálogos estabelecidos entre universidade-escola-comunidade, por meio da parceria estabelecida entre a Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Escola Municipal Porto Alegre (EPA), para a realização do Estágio Supervisionado em Geografia II. Salientamos que a EPA é uma escola localizada no Centro Histórico de Porto Alegre (RS) e atende estudantes em vulnerabilidade social (na sua maioria, moradores de rua); e o Estágio Supervisionado em Geografia II propõe a aproximação dos/as licenciandos/as da realidade de outros espaços escolares e não escolares, que incluam atividades diferenciadas e não convencionais de ensino e aprendizagem. Além dos desafios já postos, com formatos de ensino-aprendizagem, relacionados às demandas da EPA, também tivemos os limites impostos pelo momento em que nos encontramos, em virtude da pandemia causada pelo SARS-CoV-2.

Nós, professoras-orientadoras do estágio, juntamente com a coordenadora pedagógica da EPA, adotamos uma postura observadora-participante, a fim de narrar reflexivamente nossas ações/relações, que estão em movimento constante, pois se trata de uma parceria em curso e comprometida com as demandas vivenciadas cotidianamente por estagiários, professores e estudantes da escola, reconhecendo a coexistência simultânea de diferentes outros e que, por isso, exige constantes negociações (MASSEY, 2017).

Entendemos que o estágio docente é um dos momentos possíveis e desejáveis de diálogo entre a universidade e a escola. Neste sentido, na parceria em questão, coproduzimos propostas de interação-atuação pesquisadoras, que, ao serem constituídas coletivamente, buscam compreender e interagir com a diversidade e com as necessidades existentes na espacialidade da escola, na tentativa de luta

contra os estigmas estabelecidos ao público atendido por essa escola, já que o estigma é congênito e a socialização acontece no interior da situação de desvantagem, levando a pessoa a aprender “desde sempre” como é carregar determinado atributo (GOFFMAN, 2008).

Diante dos desafios existentes, consideramos a EPA como um espaço educativo diverso, ou seja, um lugar onde se efetivam propostas não convencionais de atuação, considerando as práticas de educação extramuros da instituição como espaços concretos de formação, com aprendizagem de saberes para a vida em coletivos. Assim, na composição desta concepção, adotamos como referência os pressupostos da educação não formal de Gohn (2009).

Para produzir o registro narrativo que constitui este texto, partimos de dois olhares diferentes: um lançado pela coordenadora pedagógica da EPA, em sua postura de profissional acolhedora e articuladora do estágio no espaço escolar; e o outro constituído pelo olhar das professoras-orientadoras do Estágio Supervisionado em Geografia II/UFRGS, a partir da experiência de docência compartilhada na orientação das turmas. Por fim, articulamos o encontro e a convergência dos olhares, em que discutimos a necessária escuta e negociação das demandas para efetivar as distintas possibilidades de construção de cada proposta de estágio, diante do contexto da escola e dos calendários acadêmico/escolar de cada semestre. Mas, especialmente, pontuamos que, mesmo com papéis e saberes distintos, enquanto universidade-escola, partilhamos o compromisso da formação dos educadores, diante de espaços educativos diversos/plurais.

OLHAR DA COORDENADORA PEDAGÓGICA DA EPA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA) é uma instituição mantida pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre (RS), através da Secretaria Municipal de Educação, sediada à Rua Washington Luís, nº 203, no Centro Histórico da Cidade de Porto Alegre, que atende a modalidade educação de jovens e adultos (EJA) na etapa correspondente ao ensino fundamental. Os estudantes da escola são, em sua maioria, cidadãos em situação de rua e vulnerabilidade social. Assim, pode-se considerar os estudantes da EPA como

[...] os adultos que se encontravam em abrigos e albergues destinados ao acolhimento e/ou ao abrigo temporário, intermitente ou definitivamente, assim como aqueles que se encontravam em atividades de perambulação/circulação pelas ruas e/ou que disseram fazer da rua seu local de existência e habitação, mesmo que temporariamente. (UFRGS, 2016, p. 10).

Neste contexto, destaca-se que o público atendido na escola é de extrema vulnerabilidade social, além de uma grande parcela de estudantes com necessi-

dades de educação especial (NEE). Para que esse atendimento dê conta de toda a demanda educacional, afetiva e social, a escola se tornou um espaço não convencional de educação, pois além das questões cognitivas formais, também se trabalha com a organização física e social dos estudantes.

O Curso de Licenciatura em Geografia da UFRGS apresenta uma proposta a partir do Estágio Supervisionado em Geografia II, que se insere nos propósitos da perspectiva pedagógica da escola, compartilhando o pressuposto de que a educação se faz além da formalidade da sala de aula, para buscar novos e/ou diferentes caminhos para uma educação pública de qualidade.

Convidados a participar das reuniões pedagógicas da escola, professoras-orientadoras e estagiários podem compartilhar conhecimentos, reflexões e buscar entender, através da escuta e da partilha com os professores da EPA, o funcionamento e as demandas dos estudantes a partir das propostas desenvolvidas na/pela escola. Um dos princípios para este momento de compartilhamento busca reafirmar o compromisso com o rompimento da estigmatização que esse grupo de estudantes possui na sociedade.

Estigma social é definido enquanto marca ou sinal que designa o seu portador como desqualificado ou menos valorizado, ou, segundo a definição de Erving Goffman (2008, p. 4), “[...] a situação do indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena”, e isso os coloca muitas vezes numa posição de invisibilidade social; por isso, nossa atuação tem investido em possibilidades de criar outras formas de ir ao encontro da vida dos estudantes.

Salientamos que a equipe da EPA entende que a superação dos estigmas da população de rua é o primeiro passo para estimular a aprendizagem significativa com esses estudantes, percebendo-os de forma completa e não a partir de um olhar limitador. Assim, os pressupostos pedagógicos permeiam as questões sociais, a fim de contribuir para corrigir a exclusão e a marginalização desse grupo, com base no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, que visa potencializar a autoestima dos estudantes, proporcionando-lhes o desenvolvimento de suas identidades como práticas de exercício de liberdade e inclusão na sociedade contemporânea. (PORTO ALEGRE, 2013, p. 16).

O grupo de estagiários se posicionou de modo colaborativo e foi percebendo os pressupostos e as dinâmicas das propostas de interação desenvolvidas na EPA, as quais consideram os sujeitos de forma integral, considerando os indivíduos como seres únicos, de forma afetiva e cuidadosa com as atividades que seriam desenvolvidas com eles.

Com estas ponderações e muitos momentos de trocas e reflexões da equipe da EPA, juntamente com o grupo de estudantes participantes do Estágio

Supervisionado em Geografia II, foram planejadas e desenvolvidas atividades educativas que fossem ao encontro da realidade e do cotidiano dos estudantes da EPA, partindo de seus conhecimentos prévios e de seus desafios diários. Com este intuito, os estagiários desenvolveram propostas que trabalharam com diferentes locais, principalmente com aqueles que constituem o cotidiano dos estudantes, entendendo estes lugares não só como espaços de convívio, mas principalmente de pertencimento dos estudantes da EPA.

A parceria estabelecida entre o Estágio Supervisionado em Geografia (UFRGS) e a EPA desempenhou papel relevante nas aprendizagens cotidianas de nossos estudantes, visando ao fortalecimento de suas autoestimas e ressignificando a relação dos estudantes com os processos de ensino-aprendizagem, processos estes que precisam ser pensados buscando fazê-los cidadãos atuantes e críticos numa sociedade que os invisibiliza, o que, através das atividades desenvolvidas pelo grupo de estagiários, cumpriu sua missão com êxito.

OLHAR DAS PROFESSORAS-ORIENTADORAS DE ESTÁGIO NA UFRGS

Ao lançarmos o olhar para as relações estabelecidas entre Licenciatura em Geografia e EPA, falamos de nós, professoras-orientadoras, em relação com o “Outro”, constituído por grupos heterogêneos de estudantes estagiários, de profissionais e estudantes da escola, ou seja, olhamos, falamos e escrevemos com o outro e não do outro. Esta postura muda completamente a perspectiva, que está radicalmente horizontalizada, ainda que em posições assumidamente diferentes no diálogo. Certamente, as sementes de Paulo Freire ainda se encontram vivas entre nós, e temos a necessidade existencial do diálogo (FREIRE, 1996), por isso, buscamos modos de nos encontrar, dialogar. Nestes encontros, ao dizermos nossas palavras e ouvirmos as dos outros, transformamo-nos e nos constituímos como docentes-orientadoras com a parceria da EPA.

Ao assumirmos a disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia II¹, sendo, portanto, professoras-orientadoras deste estágio, estávamos cientes da dinâmica diferenciada, em relação aos demais estágios do curso, e de seus desafios; assim, resolvemos procurar e estabelecer parcerias² com instituições que desenvolvem ati-

1 Assumimos esta disciplina de estágio no semestre 2020/1, que se iniciou em 5 de março de 2020. Nossas primeiras ações de contatos com a EPA foram realizadas no final de fevereiro de 2020, antes da Pandemia causada pelo SARS-CoV-2.

2 Considerando a premissa de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, registramos e fortalecemos a parceria por meio do Projeto de extensão WikiEscolas UFRGS, disponível em:

vidades permeadas por atributos da educação não formal. Após um levantamento e um primeiro contato feito via telefone em fevereiro de 2020, marcamos uma visita à EPA. Foi um momento de conversa e muito acolhimento. No entanto, devido à pandemia causada pelo SARS-CoV-2, as ações tiveram de ser remodeladas. Assim, em agosto de 2020, retomamos o semestre acadêmico na UFRGS e o estágio passou a ser realizado de forma completamente remota, o que gerou, e continua gerando, inúmeros desafios, pois continuamos a trabalhar remotamente até a escrita deste texto. Porém, permanecemos buscando diferentes possibilidades de imersão no espaço educativo junto com os estagiários para, sobretudo, conhecer os elementos da identidade coletiva das pessoas que o constituem.

Neste sentido, ressaltamos que nossa atuação como professoras-orientadoras do Estágio Supervisionado em Geografia II da UFRGS é cercada pelo compromisso com a EPA, bem como com os demais espaços educativos que nos acolhem e com os estagiários (professores em formação inicial). Destacamos que ela está assentada na premissa da educação como um direito humano essencial e, deste modo, “[...] é um direito de todo ser humano como condição necessária para usufruir de outros direitos constituídos numa sociedade democrática.” (GADOTTI, 2005, p. 1). Com esta concepção, consideramos o estágio na EPA, junto com o trabalho desenvolvido pela equipe da escola, um movimento que assume o direito à educação, que é, sobretudo, o direito de ensinar-aprender e propõe cuidar da aprendizagem dos estudantes. Não obstante, “[...] não se trata do cuidado no sentido assistencial, mas do cuidado no sentido da atenção e da responsabilidade ético-política do educador.” (GADOTTI, 2005, p. 3).

Na esteira deste movimento, o diálogo que une as vozes, a escuta e as trocas entre os estagiários, a equipe da EPA e nós, professoras-orientadoras, fortalece as propostas coletivas, comprometidas com as necessidades e as lutas implicadas com a transformação social. Assim, a proposta deste Estágio se fundamenta no pressuposto de ir ao encontro das demandas da EPA, conhecer as suas rotinas e aprender com os sujeitos, e não apenas transpor os conhecimentos oriundos da formação na universidade. Deste modo, apoiamo-nos nos pressupostos da “escuta sensível”, que nos coloca no movimento do “escutar-ver”, com o qual assumimos que a docência “[...] deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para poder compreender de dentro suas atitudes, comportamentos e sistema de ideias, de valores.” (BARBIER, 2002, p. 1). A vista disso, o diálogo é um princípio fundante e “[...] a sensibilidade para entender e captar a cultura local, do outro, [...], é algo primordial.” (GOHN, 2016, p. 67).

A EPA é uma escola pertencente à rede pública municipal de Porto Alegre (RS) e, embora este fato a configure como um espaço formal de educação, atende pessoas que se encontram em situação de rua e que, portanto, não estão incluídas na escolarização em propostas formais de educação. Neste panorama, vinculamos a proposta pedagógica da EPA com os pressupostos da educação não formal, como sendo “[...] um processo de aprendizagem, não uma estrutura simbólica edificada e corporificada em um prédio ou numa instituição.” (GOHN, 2016, p. 62). Nesta perspectiva, é “[...] um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade.” (GOHN, 2020, p. 12).

Sem a pretensão de opor a educação formal e não formal, pelo contrário, concebendo-as como processos que podem ser estabelecidos em conjunto, no que se refere à educação não formal, apoiadas em Gadotti (2005, p. 2), destacamos que

Trata-se de um conceito amplo, muito associado ao conceito de cultura. Daí ela estar ligada fortemente à aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos e à participação em atividades grupais, sejam estes adultos ou crianças.

E tal aprendizagem política dos direitos, ou ainda de espaço para acessar e discutir sobre estes direitos, é fundamental para os estudantes da EPA, tendo em vista que estão à margem da maioria dos direitos. Para estes estudantes, a escola da vida demonstra cotidianamente a crueldade da privação dos direitos sociais, em tese, garantidos para a população brasileira. Assim, novamente dialogamos com a perspectiva da educação não formal, pois ela propõe uma aprendizagem que se aprende no “mundo da vida” (GOHN, 2009, p. 28), por meio de processos de compartilhamento de experiências, intermediada por espaços e ações coletivas cotidianas (GOHN, 2016).

No entanto, é importante ressaltar que o aprendizado produzido e compartilhado na educação não formal tem intencionalidades, não sendo apenas processos espontâneos, como destaca Gohn (2020). Esta é outra perspectiva fundamental para o estágio em questão, já que nossas propostas de atuação dos estagiários, por mais flexíveis ou diferentes que possam ser, possuem intencionalidades político-pedagógicas e formativas. Tal propósito ganha relevo no contexto do diálogo entre a Licenciatura em Geografia e a EPA por três motivos principais: o primeiro diz respeito à própria formação docente, em que a intencionalidade das ações é inerente; o segundo diz respeito à responsabilidade que assumimos com todos os sujeitos que nos acolhem na escola; e por fim, a razão principal da atuação é dialogar com as demandas dos sujeitos a quem se dirigem as propostas, os estudan-

tes da EPA. Sujeitos, cujo direito social à educação precisa ser permanentemente defendido e reafirmado.

Neste sentido, coadunadas com o compromisso fundamental no acesso à educação pelos estudantes que se encontram em situação de rua e, da mesma forma, com os pressupostos teórico-metodológicos que sustentam a docência dos professores da EPA, buscamos, com os estagiários, aproximar-nos para conhecer, criar e/ou fortalecer laços, oportunizando a compreensão das necessidades a partir da escuta dos sujeitos da escola, a fim de que os estagiários organizem propostas de atuação articuladas a tais necessidades. Assim, participamos de reuniões com a coordenadora pedagógica e com o grupo de professores da educação de jovens e adultos (EJA), ávidos por conhecer a dinâmica das propostas que mobilizam os estudantes, cientes de que

[...] há metodologias que precisam ser desenvolvidas, codificadas, ainda que com alto grau de provisoriidade, pois o dinamismo, a mudança, o movimento da realidade segundo o desenrolar dos acontecimentos, são as marcas que singularizam a educação não formal. (GOHN, 2016, p. 65).

Estes momentos de intenso acolhimento e de trocas destacam a busca pela articulação dos conhecimentos de forma interdisciplinar entre os diferentes componentes curriculares, como um dos propósitos dos professores da EPA e que, por isso, não se subordina a estruturas burocráticas. De modo semelhante, a articulação de propostas didáticas, que levam em consideração os conhecimentos e as culturas dos seus estudantes. Por essa razão, evidencia-se a constante problematização da vida cotidiana e que, deste modo, “[...] os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como necessidades, carências, desafios, obstáculos ou ações [...]” (GOHN, 2016, p. 64). À vista disso, a construção das propostas didáticas e dos processos de ensino-aprendizagem ocorre em momentos concatenados entre si e estes são constituídos de forma dinâmica, pela “[...] sistematização dos modos de agir e de pensar o mundo que circunda” (GOHN, 2016, p. 64), pelos estudantes e por toda a equipe da EPA. Com isso, impregna-se com “[...] o campo do simbólico, das orientações e representações que conferem sentido e significado às ações humanas.” (GOHN, 2016, p. 64).

Destacamos, ainda, que, como professoras-orientadoras, temos, como princípio da nossa própria atuação, a docência compartilhada, assim como estimulamos nossos estagiários a também exercê-la. Sua prática na educação está relacionada aos processos inclusivos na escola, em que o conceito de “bidocência” (BEYER, 2006) é usado para fazer referência à atuação de dois professores na mesma sala de aula. A interação dos estagiários não se realiza especificamente em uma sala de aula, levando em consideração a natureza da educação não formal; no entanto,

consideramos a expressão e os seus princípios adequados aos propósitos e dinâmicas do Estágio Supervisionado em Geografia II. Deste modo, o estágio é desenvolvido em pequenos grupos, de dois a três estagiários, e a atuação em grupo leva em consideração os princípios da docência compartilhada, como pressuposto de trabalho coletivo, trocas e aprendizagens.

Nossa experiência com a EPA ocorreu em dois semestres letivos (2020/1 e 2020/2). Neste período, um grupo de onze estagiários, divididos em duplas, realizaram seus estágios supervisionados na escola, desenvolvendo diferentes propostas de interação com a Geografia, na perspectiva da docência compartilhada e em diálogo com as demandas levantadas junto ao grupo de professores. Dinâmicas e desafios diferentes surgiram no decorrer dos semestres, relacionados especialmente às mudanças de orientações sobre abertura ou fechamento das escolas, devido à pandemia causada pelo SARS-CoV-2, em determinados períodos em Porto Alegre. No entanto, em todos os momentos, os estagiários não atuaram presencialmente, pois seguiram as orientações de distanciamento social e do Ensino Remoto Emergencial (ERE) preconizadas pela UFRGS, desde março de 2020.

Portanto, no decorrer do semestre 2020/1, em ERE (que ocorreu de agosto a dezembro de 2020), devido à suspensão das atividades presenciais nas escolas de Porto Alegre, a EPA solicitou o planejamento de atividades que fossem entregues impressas semanalmente aos estudantes, juntamente com alimentos e itens de higiene pessoal. No decorrer do semestre 2020/2, em ERE, (que ocorreu de janeiro a maio de 2021), a crise sanitária se agravou em Porto Alegre e a entrega de atividades impressas foi suspensa nas escolas. Mais uma vez, a EPA encontrou diferentes maneiras de se aproximar dos estudantes; dentre elas, a produção de materiais para as mídias sociais³.

As propostas de interação nos dois semestres perpassaram diferentes temáticas, voltadas ao cotidiano urbano dos estudantes, em especial as áreas centrais de Porto Alegre próximas à escola, a partir dos conceitos geográficos de paisagem e lugar, abordados em diferentes ancoragens teóricas da ciência geográfica. Deste modo, destaca-se que as propostas tinham forte presença da rua e dos locais de circulação dos estudantes, dialogando com Martinez (2012), quando afirma que o espaço, e neste caso a relação lugarizada dos estudantes da EPA, possui sentido pedagógico na aprendizagem.

Nesta perspectiva, os estagiários estimularam a leitura das mudanças da paisagem ao longo do tempo em locais como a orla do Guaíba, o Arroio Dilúvio e o Mercado Público de Porto Alegre. Refletiram sobre o processo de urbanização da

3 Disponível em: <https://www.facebook.com/emef.epa> e https://www.intsgram.com/emefportoalegre_epa. Acesso em: 1 jun. 2021.

cidade; a gentrificação de bairros como Cidade Baixa e os bairros pertencentes ao 4º Distrito⁴; o consumo, o descarte de lixo urbano e o trabalho dos catadores em Porto Alegre; a arquitetura hostil; o direito constitucional à moradia e as desigualdades sociais; as polêmicas propostas de cercamento de parques e a história do Parque da Redenção; as espacialidades ligadas aos clubes de futebol de Porto Alegre a partir dos estádios da dupla Gre-Nal, dentre outros.

O processo de criação das propostas de interação gerou a necessidade de mobilizar diferentes linguagens e recursos didáticos, como: esquemas, glossários, croquis, mapas, imagens de satélite, fotografias, vídeos, *cards* para mídias sociais, folhetos, entre outros. A docência com a Geografia, neste estágio docente, pressupõe a produção do conhecimento geográfico com os sujeitos e suas relações lugarizadas e/ou territorializadas com o espaço; assim, a produção do material didático pelos estagiários foi marcada por tais características e relações, ou seja, os materiais produzidos possuíam forte relação com os estudantes e seus espaços de circulação pela cidade de Porto Alegre.

ENCONTRO E CONVERGÊNCIA DE OLHARES

O Estágio Supervisionado em Geografia II propõe o desenvolvimento de projetos de interação no contexto da educação não convencional, a partir do diagnóstico da realidade, considerando as especificidades da instituição e a comunidade em que se insere a ação educativa. Encaminha o planejamento e o desenvolvimento dessas propostas, tendo como princípio a formação humana. Aprofunda e ressignifica as temáticas desenvolvidas ao longo do curso, relacionadas à pesquisa qualitativa na educação e ao papel do professor pesquisador, que favorece o desenvolvimento humano e a compreensão da realidade na sua complexidade, colaborando com a sua transformação.

Participar das dinâmicas e integrar-se à proposta educativa da EPA reafirmam os princípios alicerçados na formação humana, negando o mero assistencialismo. Neste movimento, os estágios desenvolvidos, além de experiências docentes, são um ato de resistência em que se consideram os conteúdos, para além de sua formalidade, e o reconhecimento do potencial e da participação recoloca os estudantes como autores de sua aprendizagem, sem subestimá-los.

4 É chamada de 4º Distrito a região que engloba os bairros porto-alegrenses Floresta, São Geraldo, Navegantes, Farrapos e Humaitá. A área forma uma faixa que faz limite com o Centro Histórico, passa ao lado da área nobre do Moinhos de Vento e vai até a fronteira noroeste da cidade, onde fica a Arena do Grêmio. Disponível em: <https://wikihaus.com.br/blog/de-olho-no-futuro-conheca-o-quarto-distrito-de-porto-alegre/>. Acesso em: 30 maio 2021.

O planejamento das propostas de interação, implicadas com os pressupostos pedagógicos da EPA, a partir da escuta sensível e da perspectiva dialógica, buscou construir possibilidades de concretizar formas de vincular os conhecimentos à vida e, por isso, repletos de sentidos. Afinal, “[...] todo conhecimento é humano, e quando este conhecimento se desvincula da vida concreta dos seres humanos, desumanizam-se mutuamente, sujeitos e mundos” (MELLO; LOPES, 2017, p. 67).

Realizar o estágio com a EPA evidencia o quanto a autoria, a escuta e valorização dos sujeitos (estudantes e professores) podem provocar novos olhares para o diálogo que se estabelece com/em espaços educativos diversos. Quando o professor estagiário e nós (universidade-escola) atuamos na perspectiva dialógica e atenta, em que se constroem olhares e sentires com a atuação pedagógica, todos posicionam-se como aprendentes dos processos humanos diversos, indissociáveis da própria identidade profissional, construída desde a formação inicial.

A prática de docência compartilhada proposta para a experiência de estágio se justifica na concepção epistemológica assumida, na qual se concebe que o educador transformador precisa aprender a ser cooperativo, articulado, sensível, descentrado, implicado na construção coletiva de propostas comprometidas com a aprendizagem de todos.

Fica evidente, pela atuação e narrativas dos estagiários, que o conhecimento descentralizado e fluído, tensionado pelas diversas linguagens e modos de comunicar contemporâneos, diversifica o uso e a reflexão sobre diferentes materiais, que geram possibilidades distintas de interação, como o caso das mídias sociais ou dos antigos folhetins, que podem ter uma versão impressa e outra digital, circulando pelas ruas e pelas redes digitais. Tais materiais passam a apoiar diversas oportunidades educativas, dentro e fora dos muros escolares.

Destaca-se que a experiência de atuação na EPA contribui para que os estagiários sejam autores do próprio aprendizado e exerçam o protagonismo de professores, produzindo conhecimentos e se transformando na busca da construção de espaços educativos “[...] amorosos, produtivos, formativos e alteritários.” (MELLO; LOPES, 2017, p. 56). Assim, para além da formalidade, considerando que a EPA é um espaço formal com atributos da educação não formal, a educação é vista como direito, o estágio como um espaço de diálogo entre universidade-escola, pautado pela escuta e pela partilha com os professores da EPA, a docência é entendida como espaço-tempo compartilhado, tanto entre os estagiários que atuam em grupos quanto entre as professoras-orientadoras que atuam nesta mesma perspectiva.

Para concluir, destacamos que um dos pontos fundamentais é que a relação entre Licenciatura em Geografia e EPA, dentre outros compromissos, possui forte cunho social, levando em conta a histórica exclusão e estigmatização dos grupos

em situação de rua; assim, destaca-se que o ensino remoto emergencial em tempos de pandemia aumentou ainda mais as desigualdades e exclusões a que eram submetidos estes estudantes.

No entanto, como universidade-escola, comprometidos com os estudantes e com a escola pública, buscamos, em tempos de pandemia, promover a docência com a Geografia, refletindo sobre suas questões, pautando-se na produção do conhecimento e indo ao encontro das demandas da escola e de seus sujeitos, sem desconsiderar as limitações advindas das necessárias medidas de distanciamento social. Assim, seguimos cientes dos desafios, mas com o desejo de um momento possível e seguro de futuros encontros presenciais, para que se estabeleçam novas escutas, partilhas e negociações nos diálogos que se efetivam entre nós (universidade-escola-espacos educativos diversos-comunidade).

REFERÊNCIAS

BARBIER, René. **Escuta sensível na formação de profissionais da saúde**. Tradução de Davi Gonçalves. Trabalho apresentado na Conferência na Escola Superior de Ciências da Saúde – FEPECS – SES GDF. Brasília, DF, 2002. Disponível em: <http://www.barbier-rd.nom.fr/ESCUTASENSIVEL.PDF>. Acesso em: 20 maio 2021.

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola de alunos com necessidades educacionais**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Trabalho apresentado na Conférence Institut International des Droits de l'enfant (IDE). Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Sion, Switzerland, 18 au 22 octobre 2005. Disponível em: https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305950/mod_resource/content/1/Educacao_Forma_Nao_Forma_2005.pdf. Acesso em: 13 maio 2021.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Marcia Bandeira de Melo Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43. 2009. Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/issue/view/1>. Acesso em: 28 fev. 2021.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal nas instituições sociais. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 18, n. 39, p. 59-75, set./dez. 2016. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3615>. Acesso em: 13 maio 2021.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal: direitos e aprendizagens dos cidadãos (ãs) em tempos do coronavírus. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 7, n. 7.7, p. 9-20, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/3259>. Acesso em: 14 maio 2021.

MARTINEZ, César Augusto Ferrari. **O Currículo vai à rua ou a rua vem ao currículo?** 2012. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/56337>. Acesso em: 20 maio 2021.

MASSEY, Doreen. A mente geográfica. **GEOgraphia**, Niterói, v. 19, n. 40, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13798/8998>. Acesso em: 20 mar. 2021

MELLO, Marisol Barenco de; LOPES, Jader Janer Moreira. Formação como movimento alteritário. *In*: MELLO, Marisol Barenco de. **O amor em tempos de escola**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. p. 53-75.

PORTO ALEGRE. Secretaria Municipal de Educação. Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre. **Projeto Político Pedagógico e Regimento Escolar da Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre/RS**. Porto Alegre, 2013.

UFRGS. IFCH. **Cadastro e mundo da população adulta em situação de rua de Porto Alegre/RS**. Relatório quanti qualitativo, contendo o Cadastro censitário e o Modo de vida cotidiana da População Adulta em Situação de Rua de Porto Alegre, realizado em 2016 através de Contrato entre a FASC e a UFRGS/FAURGS e executado pelo IFCH/UFRGS. UFRGS: Porto Alegre, 2016. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/fasc/default.php?reg=41&p_secao=120. Acesso em: 1 jun. 2021.